

RITA DE CÁSSIA CISNEIROS GUEDES DE ANDRADE MOREIRA
SANDRA CRISTINA BENEVENUTTO

BRINQUEDOTECA: VIVENCIANDO O LÚDICO

Ubá / MG

2006

RITA DE CÁSSIA CISNEIROS GUEDES DE ANDRADE MOREIRA
SANDRA CRISTINA BENEVENUTTO

BRINQUEDOTECA: VIVENCIANDO O LÚDICO

Trabalho de pesquisa, apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ubá, Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC.

Orientação: Silvania Maria de Oliveira Manso

Ubá / MG

2006

Dedicamos este trabalho com grande afeição,
aos nossos familiares que sempre incentivaram
nossas empreitadas acadêmicas e se tornaram
cúmplices de nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por contemplar-nos com saúde e força para poder superar-mos as dificuldades.

À nossa orientadora, Prof^a. Sylvania Maria de Oliveira Manso, pela confiança, incentivo, exemplo de dedicação e competência profissional.

Aos demais professores do Curso de Pedagogia, pela atenção, carinho, amizade e ensinamentos transmitidos, de forma contribuir para a nossa formação profissional.

As amigas e colegas de curso. Obrigada pelo agradável convívio de companheirismo e aprendizado.

Aos nossos familiares, obrigada pelo apoio constante, pelo estímulo e por existirem.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

“A brincadeira é um dos métodos característicos da manifestação infantil, um meio para perguntar e para explicar.”

W. WINNICOTT

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi conhecer, através de entrevistas semi-estruturadas, o que dizem seis professoras, uma diretora e vinte alunos da Fase I, do Ensino Fundamental, de uma Escola Municipal de Ubá sobre o funcionamento de uma brinquedoteca no espaço escolar. Através da análise qualitativa dos dados, fundamentada na teoria de autores como Ariès, Benjamin, Machado, Piaget, Vygostky e Winicott, observamos que existe por parte dos educadores a ciência de se resgatar o brincar no cotidiano escolar. Mas, por outro lado, existe na escola uma supervalorização dos brinquedos e brincadeiras para finalidades didáticos-pedagógicas. Consideramos ser necessário um conhecimento aprofundado do que seja desenvolvimento infantil e a atividade lúdica para a compreensão da proposta e dos objetivos da brinquedoteca. Para que a concepção da brinquedoteca escolar seja compreendida pelos educadores é preciso também que o brincar livre faça parte da filosofia de trabalho da escola. Verificamos também a importância do papel do brinquedista para o bom funcionamento da brinquedoteca escolar.

Palavras-chave: Lúdico, brincar livre, brinquedoteca.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 JUSTIFICATIVA.....	9
3 OBJETIVOS.....	11
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
4.1 A criança e o brincar... alguns séculos de história.....	12
4.2 Brincar e ser criança... coisas sérias.....	13
4.3 A importância do resgate do lúdico.....	14
4.4 As brinquedotecas.....	17
5 METODOLOGIA.....	21
5.1 Histórico	21
5.2 Procedimentos	22
5.3 Instrumento de coleta de dados	22
5.4 Técnica de interpretação de dados	23
6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	24
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

O brincar se faz urgente em nossas vidas, em especial nas das crianças. Os interesses hegemônicos, considerados produtivos, da nossa sociedade estão nos transformando em adultos indiferentes quanto ao significado do brincar. De acordo com Machado (1994 p. 21) “O brincar é nossa primeira forma de cultura” e é nas brincadeiras que a criança se expressa vive sua cultura e a reproduz. Brincar significa estar criativamente no mundo, estar em diálogo com outro, com a natureza, com o social. Pois, experimentando a atividade lúdica a criança representa, cria, recria e se envolve nas complexas relações sociais.

O brinquedo possibilita à criança desenvolver sua imaginação, expressar seus dramas e construir sua consciência da realidade. Ao imitar o adulto e ao brincar de “faz-de-conta” está demonstrando sua vontade de crescer; pois, nesse momento, o brinquedo representa “o mundo que ela quer conquistar”.

Ao brincar, a criança desenvolve uma das mais importantes funções psicológicas superiores, que é a imaginação. Santo Agostinho (RODARI 1982, p.69) explica o trabalho da imaginação como a possibilidade de “...dispor, multiplicar, reduzir, estender, ordenar, recompor de algum modo as imagens...” A imaginação permite a mente humana ser criativa.

Os brinquedos são atividades que satisfaz aos interesses das crianças, oferecendo, ao mesmo tempo inúmeras possibilidades educacionais.

Mas ainda há professores que afirmam ser a brincadeira “enrolação de tempo”. Porém, mal sabe eles que todos os brinquedos, por sua própria essência, são educativos e que contribuem para o desenvolvimento infantil.

Os momentos de brincadeiras, as crianças podem representar e experimentar vários papéis, fantasiando serem bichinhos, professores, médicos, mamãe, etc. Nesse processo, a criança pode expressar suas emoções e sentimentos por meios de gestos, que poderiam, de outro modo ou em certos momentos ser proibidos.

Então, devemos nos perguntar, estaremos cumprindo nosso papel de cidadão quando não permitimos que a criança brinque? A cada dia que se passa a criança vai perdendo seu espaço social e físico para brincar. Existem ainda locais apropriados para uma criança exercer a prática do lúdico?

As brinquedotecas surgiram como consequência desta falta de lugar para brincar, como espaço alternativo e especial para as crianças realizarem suas brincadeiras. Surgiram no Brasil por volta da década de 80 e vão crescendo em número e qualidade por vários estados e cidades brasileiras. Atualmente existem brinquedotecas de diversos tipos e diferentes locais: brinquedotecas em creches, escolas, hospitais, comunidades, favelas, clínicas psicológicas, centros culturais e universidades, para todas as crianças independente da diversidade que possa apresentar.

O brinquedo pode estimular a curiosidade, a iniciativa e a auto confiança: proporciona aprendizagem, desenvolvimento da concentração e da atenção.

2 JUSTIFICATIVA

Ao participarmos como estagiárias na organização de uma brinquedoteca dentro do prédio do CAIC – Ubá, no ano de 2005, começamos nos interessar pelo tema e a perceber a importância deste espaço para a vida das crianças e para a comunidade escolar.

Atualmente, finalizando o Curso de Pedagogia e, também no convívio diário com crianças compreendemos o quanto o brincar faz parte de suas vidas e o quanto ele é essencial para o seu desenvolvimento integral.

Ao realizarmos o trabalho na brinquedoteca, então em processo inicial de organização no CAIC – Ubá, ficamos a imaginar o quanto as crianças iriam se deliciar e viver aquele espaço tão delas. Consideramos que, ao deparar com uma casa de brinquedo a criança se sente em casa, ao mesmo tempo que, penetra em um universo mágico de fantasias, sonhos e criações, pois a brinquedoteca passa a ser um espaço dela. Ninguém entende mais de brinquedo, de brincadeira, de faz de conta, do que a criança. Em nenhuma outra experiência, a criança se descobre tanto e desvela o mundo como quando brincado. Se a escola é também um espaço de conhecimento de mundo, de socialização para a criança, não seria então, justificável uma brinquedoteca no seu interior?

Desta forma, algumas questões nos instigaram nos conduziram a busca de uma compreensão do que representaria a brinquedoteca para os profissionais da educação e para a sociedade. Surgindo algumas interrogações: Por que a ausência de brinquedotecas em instituições escolares? O que os diretores dizem sobre as brinquedotecas? Como o brincar é visto pelos educadores?

Estas questões inquietaram-nos e nos motivaram a desenvolver este trabalho de pesquisa para assim, compreender qual é a importância dada pelos educadores a este espaço lúdico tão próprio para o brincar.

Privilegiamos neste trabalho o estudo de brinquedotecas no ambiente escolar escolas, para ser a escola nossa área de atuação. Além disso, tal escolha veio atender a exigência de construção de um trabalho de conclusão de curso.

De acordo com Winnicott (1975, p.76) “a criança trás para dentro dessa área da brincadeira objetivos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal.

Mesmo sendo o brincar uma atividade também para a vida adulta, é na infância que ele promove a realização dos fenômenos mais significativos para o indivíduo, na busca do seu eu. A prática de brincadeiras proporciona a criança um confronto e um diálogo do mundo externo, com o mundo interno, criando uma área própria para o brincar, a qual leva a pessoa ao encontro do seu eu e conseqüentemente a construção de sua subjetividade.

Desta forma, consideramos ser necessário um conhecimento aprofundado do que seja o desenvolvimento infantil e a atividade lúdica para compreensão da proposta e dos objetivos da brinquedoteca.

Objetivando formular recomendações com relação a implementação de brinquedotecas em escolas da região é que se pretendeu fazer neste estudo um diagnóstico da vivência com o lúdico analisando a importância deste no desenvolvimento da criança.

3 OBJETIVOS

Com base na proposta de trabalhar com o lúdico, vivenciando experiência que possibilite o desenvolvimento integral da criança, nosso trabalho objetivou:

3.1 Objetivo geral

Contribuir para que os professores e diretores reconheçam a importância do lúdico no mundo infantil, analisando criticamente seus conceitos em relação ao brincar.

3.2 Objetivos específicos

- Conhecer através de entrevista semi-estruturadas o que dizem professores e diretora de escola pública sobre funcionamento de uma brinquedoteca no espaço escolar;
- Observar na prática a influência da atividade lúdica para o desenvolvimento infantil;
- Verificar a importância do papel do brinquedotista para o bom funcionamento da brinquedoteca escolar;
- Elaborar sugestões para o uso da brinquedoteca de maneira adequada no espaço escolar.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O brincar se faz necessário na vida das crianças, pois é a primeira forma de cultura e é através das brincadeiras que a criança se expressa, vive sua cultura e a reproduz.

4.1 A criança e o brincar... alguns séculos de história

Para compreender a criança na contemporaneidade é necessário conhecermos sua história ao longo dos séculos e principalmente a sua história social construída no decurso das últimas décadas, período em que a infância foi alvo de muitos estudos e pesquisa. Diversas áreas do conhecimento como a antropologia, a sociologia, a história e principalmente a psicologia têm se dedicado ao estudo do significado da criança e da sua inserção ideológica e cultural na sociedade. Reconhecer socialmente a criança e valorizar suas especificidade é uma das grandes responsabilidades dos tempos atuais, visto que a criança de hoje apesar de referendada em lei com um sujeito de direito no interior da sociedade, em alguns aspectos ela ainda continua a margem nas relações sociais, principalmente no que diz respeito de estar na sociedade como cidadão.

Não podemos deixar de pensar na criança como um sujeito de especificidades, e, como ouvimos comumente, criança é criança, em qualquer época e lugar. Isso significa dizer que a criança brincava e sempre brincou, ela procura seus próprios meios e formas de construir o brinquedo e conseqüentemente a brincadeira, ou vice e versa. Mesmo na antigüidade, época em que a criança não era considerada, ela brincava até mesmo sem depender do brinquedo, ou, mesmo dependendo do adulto, ela possuía o seu mundo simbólico.

Entretanto, isso não nos isenta da responsabilidade que temos de possibilitar espaços, tanto físico como social para a criança brincar, e é dever do adulto deixar que a criança exerça o seu direito de brincar. Mas baseando-se em fatos antigos e clássicos podemos dizer que a criança sempre procurou formas para brincar. Brincar faz parte da exercia da criança e da existência do ser humano. Mesmo nos idos da antigüidade quando a criança não era reconhecida como sujeito, ela tinha suas alternativas de brinquedos e brincadeiras.

A história social da criança é marcada por atrocidades e indiferenças ao longo dos tempos. Para mudarmos nossa forma de pensar não podemos negar os fatos históricos que permitem um olhar diatônica e despido dos preconceitos de cada época, levando a reflexão e possível crítica.

A partir do século XVII a criança passou a se conhecida pela sociedade, nos séculos anteriores elas não saiam do anonimato. Sendo vítimas do infanticídio, da venda, do abuso sexual, da barbárie e das altas tachas de mortalidades. Quando a criança superava esse período de alto risco, em que sua sobrevivência era improvável, ela se confundia ao mundo dos adultos.

Vejamos que nesta época, além da criança ser muito fragilizada quando bebê e sua morte ser vista com indiferença pela sociedade ela não era reconhecida como criança, com necessidades próprias da idade, mesmo porque, nesta época não existia uma noção de etapas do desenvolvimento humano, como atualmente.

A partir do século XVII, inicia-se uma tomada de consciência em torno das particularidades da criança, o denominado Sentimento de Infância por Ariès (1981). Esse sentimento referido pelo autor, nasce dentro da família numa época em que a criança por sua ingenuidade e graciosidade passa a ser um objeto de distração e relaxamento para o adulto. A seguir inicia-se o sentimento de paparicação e posteriormente o de moralização da criança precisando ser educada e disciplinada, para não ser corrompida pelo mundo.

No início do século XVIII surgem as primeiras preocupações com a higiene, saúde e educação das crianças. Até então não havia, uma educação destinada às crianças, elas eram misturadas aos adultos.

A infância não era pensada de forma independente na sociedade. Educar a criança era necessário, já que era vista como ser despreparado e mal educado.

Na antigüidade, as crianças brincavam, mas suas brincadeiras eram as mesmas dos adultos, ou seja, elas participavam das mesmas brincadeiras que eles. Portanto a prática de brincar dependia dos adultos. Não havia as brincadeiras destinadas as crianças, elas não tinham um tempo e um espaço físico social para brincar, para criar ou para adquirir brinquedos. Os brinquedos mais utilizados pelas crianças, nas suas brincadeiras era miniatura de objetos do universo dos adultos.

É necessário considerar que a infância e o brincar possuíam significados diferentes, de acordo com as determinações culturais daquela época.

Mesmo na antigüidade a criança brincava sem depender do brinquedo ou do adulto, ela possuía o seu mundo simbólico. De acordo com Benjamin (1984, p. 48) “a criança não depende do brinquedo para brincar e nem é o brinquedo que determina a brincadeira”.

4.2 Brincar e ser criança... coisas sérias.

Após transitar por alguns séculos de história sobre a infância, a brincadeira e o brinquedo, vimos que o brincar acompanha o homem desde sua ancestralidade. Da mesma maneira que o homem caminha na busca da liberdade, ele anseia por brincar. Brincar, é uma forma de libertação. Talvez por isso, a necessidade cada vez mais urgente do brincar nas sociedades. Estar o homem se sentindo escravos de objetivos econômicos e científicos. Se os adultos gritam por liberdade, por quê anseiam nossas crianças? O quê podem esperar nossas crianças? E o que esperamos de nossas crianças? Que elas deixem logo a infância para se transformarem em adultos? Para se tornarem homens maduros que, como nós anseiam por liberdade, que buscam o sentido perdido talvez na infância, onde o calor do colo da mãe é uma

forma de vida, de liberdade, onde o brincar nos liberta, numa época em que o cavalinho de pau, a boneca aguçavam a criatividade e a imaginação e nos davam asas.

Ser criança é sinônimo de tranquilidade, felicidade e alegria, mas se aprofundarmos nos conhecimentos sobre a história da fase da infância veremos que o desenvolvimento do indivíduo não se dá desta forma. Que as crianças não vivem em um mundo irreal, feliz, ingênuo e sem dor. Precisamos olhar para a criança como sujeito que vive em cada época, lugar e data engendrada nas relações sociais. Portanto ser criança é algo tão sério, pois a partir do momento que nasce, já é parte da sociedade e como tal precisa ser respeitada e compreendida.

O brincar possibilita a construção da identidade, atuando sobre a realidade, fazendo representações, vivendo-a e transformando-a, num processo que é imaginário e ao mesmo tempo real.

Para Vygotsky (1998, p. 125) “sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras – não as regras previamente formuladas e que mudam durante a brincadeira, mas aquelas que tem sua origem na própria situação imaginária.

Para Piaget (1975, p. 25), influente psicólogo e pedagogo do século XX “a importância do brincar para o desenvolvimento da criança é de suma importância para construção da realidade”.

O brinquedo é a forma de comunicação da criança com a realidade desde a mais tenra idade, pois o brincar ajuda a criança a superar suas necessidades mais primitivas e imediatas. O brinquedo funciona também como um atendimento às necessidades não realizáveis imediatamente para a criança, pois ao brincar elas se envolve num mundo imaginário onde satisfaz seus desejos. Portanto, o papel do brincar no desenvolvimento da criança é fundamental, pois é através dele que a criança elabora o seu estar no mundo, dialogando a sua maneira com a realidade concreta e com outro.

Sendo assim, mais uma vez, podemos afirmar a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento integral da criança e a necessidade que ela tem de viver a experiência do brincar, da verdadeira brincadeira espontânea, na qual ela faz as suas próprias descobertas, constrói seus próprios conhecimentos e busca a sua maneira o seu estar criativo no mundo. Só assim, sendo a criança sujeito de suas brincadeiras e que ela encontrará o seu eu e construirá sua identidade. Portanto, mais que reconhecermos a importância do brincar, é preciso dar oportunidade e espaço tanto físico como social para que a criança viva, o que lhe é de direito, o brincar livre e criativo.

4.3 A importância do resgate do lúdico.

Após refletir sobre a infância e os jogos, buscaremos neste momento conhecer e compreender os espaços que as atividades lúdicas ocupam na vida das crianças e o que tem feito os adultos para que elas possam efetivamente exercer a vivência do lúdico. Para isso algumas questões são importantes apontar, como temos permitido que as crianças exerçam seu direito de

brincar espontaneamente? Valorizamos suas brincadeiras? Conhecemos os brinquedos e as brincadeiras com as quais as crianças imaginam, criam e vivenciam suas situações lúdicas? Todas as crianças brincam? Se brincam onde e como brincam?

Podemos considerar o brincar como fato universal, pois sua linguagem abrange todo mundo e todas as crianças independente da idade, sexo, raça, cor ou classe social. Mas, podemos considerar como universal que todas as crianças brincam? Que não há distinção no brincar? Que existe igualdade de oportunidades?

Brincar é um privilégio, mas também uma necessidade, e todas as crianças devem ter este privilégio. Mas pelo fato de ser um privilégio isso não equivale dizer que é para poucos, pelo contrário, da mesma forma que é o brincar um privilégio, ele é também um direito. A criança vista como um cidadão, é um sujeito de direitos (Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069) e o seu direito fundamental e básico é o brincar. Portanto, criança e brincadeira não deve estar dissociados um do outro.

As atividades lúdicas são sempre saudáveis, prazerosas e essencial a saúde física, emocional e intelectual do indivíduo e à prática social pela qual a criança exerce sua cidadania. A criança por excelência, sabe experimentar e viver o brincar, pois é despreocupada, despreocupada e vive o presente de maneira gratuita, por isso sabe imaginá-lo, representá-lo, mudá-lo de acordo com seus interesses e necessidades.

Procurando refletir sobre as questões apontadas acima, vimos que nas últimas décadas, o avanço tecnológico e científico ocorreu de maneira extremamente acelerada, e com isso várias transformações aconteceram e vem acontecendo no interior da sociedade. Mudanças nos setores econômicos, social e cultural, de valores morais, estéticos e éticos, que paralelamente acarretam também mudanças na concepção da infância e da cultura lúdica. As transformações geralmente significam avanços, mas também retrocesso, dependendo da direção que apontamos nosso olhar para análise. Em relação ao desenvolvimento da criança e ao brincar podemos considerar como avanços, os estudos e pesquisas desenvolvidos acerca da temática das atividades lúdicas, a sua crescente valorização, a conscientização por parte de educadores e pais da importância do brincar para o desenvolvimento integral das crianças e uma preocupação maior em relação a segurança na fabricação dos brinquedos.

Como retrocessos podemos apontar que as condições sociais e tecnológicas da modernidade comprometem, de certa forma, o tempo, e os objetivos de brincar. As crianças perderam os espaços e a segurança das ruas e calçadas, com isso perderam também parte da liberdade na escolha de suas brincadeiras e companheiros. As grandes cidades, os pequenos apartamentos não permitem mais a coletividade, as interações sociais. A redução do espaço temporal é outro fator que promoveu a transformação do brincar. Com a modernidade as crianças não têm tempo para “perder” com brincadeiras, tarefas não-produtivas, pois têm uma série de responsabilidades que são consideradas mais importantes, como as atividades extra-curriculares, os intermináveis cursos de informática, natação, línguas, danças, esportes, artes marciais e etc. As instituições escolares são também fotografia dessas mudanças de valores, as brincadeiras

forma deixadas de lado em detrimento das atividades didáticas e pedagógicas, que são mais produtivas.

Em nome da eficiência tecnológica, na atualidade, quem dita as regras e os objetivos dos brinquedos são as indústrias destinadas à sua fabricação, isto quando eles têm algum objetivo, pois a manifestação dos brinquedos chegou a tal ponto que parte deles além da total ausência de criatividade, não possuem mais função que não a de consumo.

E os materiais utilizados na fabricação dos brinquedos? Como plástico, têm tolhido a criatividade e a imaginação das crianças, justamente por serem elaborados sem qualquer criatividade, sem movimentação, em geral de cor única, com o propósito único de serem vendidos e de preferência que acabem logo, para que se possa comprar outro. Não permitem que as crianças se deleitem com eles, não as levam além da simples experiência de pegá-los e deixá-los de lado logo após. As crianças passam a ser sujeitos passivos, vítima do consumo exagerado que permeia as sociedades capitalistas. Desta forma, podemos perceber que nos brinquedos estão representados os valores da nossa sociedade.

Em relação a experiência do brincar é necessário que aconteça uma busca coletiva dos valores ficados para trás, dos brinquedos tradicionais, autênticos, construído a base de materiais simples, mas com infinitas possibilidades de brincar e sonhar, como as bolinhas de gude, as pipas de papel de seda, o cavalinho de pau, a boneca de pano, os carrinhos de madeiras, as latinhas reaproveitadas que serviam para construção de uma infinidade de objetos para brincar. Precisa-se também que haja um resgate das brincadeiras da nossa cultura popular, as brincadeiras alegres, cheia de energia e companheirismo como o pique esconde, a amarelinha, o soltar pipa, o brincar de casinha, o passar anel, o futebol de rua, as brincadeiras de roda; experiências gostosas e saudáveis, nas quais as crianças corriam, pulavam, rodavam, suavam, brigavam e aprendiam. São essas brincadeiras que deixam saudades e que marcam a vida das pessoas, pois são significativas e acontecem profundamente na experiência de ser criança.

A televisão além de instrumento eficiente na divulgação de brinquedos passou a concorrer fortemente com as brincadeiras livres e tradicionais das crianças, trazendo novas concepções acerca do que seja entretenimento. As crianças por uma série de motivos como falta de companhia para brincar, escassez de tempo dos pais para acompanhá-las nas diversões, falta de brinquedo e de espaço físico, passam horas diante da imagem sedutora da TV entre desenhos animados, programas de auditórios, filmes, comerciais variados, até chegar nos programas direcionados aos adultos.

Buscando conhecer as diferentes expressões do lúdico e a diversidade dos objetos de brincar, não poderíamos deixar de fazer referência ao computador, o grande símbolo da contemporaneidade, que fazendo parte dos aparelhos elétrico-eletrônicos das casas de muitas famílias, já se tornou mais um instrumento do rol dos brinquedos e brincadeiras das crianças. O computador e a Internet, contemporâneos à televisão fazendo parte também de um novo paradigma a cerca do que seja o lúdico, paradigma este que vem sendo construído paralelamente aos avanços científicos e tecnológicos de nossa sociedade.

Com tudo, mesmo variando as formas e/ou as concepções, as crianças continuam a brincar, desde a criança dos centros das cidades, das periferias, ou do campo, desde da criança carente até a com melhores condições econômicas, até a criança de rua ou a institucionalizada, fato é, que todas elas procuram maneiras e espaços para se descobrirem e descobrir o mundo através de suas brincadeiras.

Apesar de comprovado o fato de as crianças brincam, muitas delas não têm tido a oportunidade de vivenciar o lúdico como deveriam. É o caso das crianças que não têm condições financeiras para possuir um brinquedo, as carentes inseridas precocemente no mundo do trabalho, exercendo muitas vezes o papel de arrimo da família, sendo responsabilizada pelo irmão mais novo; as crianças marginalizadas que vivem nas ruas, sem terem o que comer e muitas vezes envolvidas com a violência e as drogas. Como fica o brincar para estas crianças? Que podemos fazer para que este panorama social possa mudar? Não é hora de buscarmos alternativas e medidas eficientes, para acabar, ou ao menos abrandar a situação precária dessas crianças e da nossa comunidade infantil em geral?

Frente a tais constatações e questionamentos, vimos que é chegada a hora da atuação de todos que preocupados com as questões da infância, busquem melhores condições de vida e de educação para as crianças. O que se faz necessário é promover o resgate do espaço lúdico no cotidiano da criança, retomando as brincadeiras e os brinquedos tradicionais, os jogos, o faz-de-conta, as músicas, as leituras, o teatro, enfim todas as oportunidades lúdicas que as crianças vêm perdendo no decorrer das últimas décadas da nossa sociedade. Precisamos pensar em um espaço social, físico e temporal para que elas possam interagir umas com outras, com adultos, consigo mesmas e com o mundo em sua volta para que se desenvolvam de maneira criativa, integral e feliz.

Nas últimas décadas temos conhecimento de algumas iniciativas que buscaram resgatar os brinquedos e o brincar no seu sentido amplo, que são as Brinquedotecas, estrutura física e social que têm como principal objetivo a promoção do “desenvolvimento de atividades lúdicas e o empréstimo de brinquedos e materiais de jogos” (KISHIMOTO, 1998 p. 64).

4.4 As Brinquedotecas

As primeiras idéias de brinquedotecas surgiram em alguns países do mundo por volta da década de 60 e vem crescendo a cada ano em número e diversidade de objetos. A primeira iniciativa surgiu em 1934, em Los Angeles, nos Estados Unidos, quando o dono de uma loja de brinquedos percebeu que estava sendo roubado por crianças e reclamou com o diretor de uma escola municipal sobre a situação. O diretor chegou a conclusão de que as crianças estavam praticando furtos de brinquedos por que não tinham com o que brincar. Então, com recurso da comunidade local iniciou um serviço de empréstimo de brinquedos.

Em 1963, em Estocolmo, na Suécia, a idéia de emprestar brinquedos começou a ficar mais consistente, sendo expandido quando duas mães de crianças excepcionais fundaram a

primeira lekotek (brinquedoteca em sueco) com o objetivo de orientar as famílias de excepcionais como poderiam brincar com seus filhos para estimulá-los melhor. A filosofia das Lekotek é de que as crianças aprendem brincando, portanto, necessitam de brinquedos que atendam suas reais necessidades físicas e psicológicas.

Em 1967, na Inglaterra, surgiram as Toy Libraries (bibliotecas de brinquedos), as quais emprestavam brinquedos para as crianças levarem para casa. O objetivo primeiro era apenas o de empréstimo de brinquedos, mas o trabalho ficou mais abrangente e as finalidades foram crescendo, chegando ao apoio das famílias, orientação educacional, estímulo à saúde e o resgate da cultura lúdica de cada povo.

Na França, Bélgica, Itália e Suíça surgiram também as ludotecas (termo originário dos ludus), que além de caráter do emprestar brinquedos para as crianças levarem para casa, poderiam elas também utilizarem o próprio local para brincar. Com tudo isso, aconteceu em 1976, em Londres, o Primeiro Congresso Internacional sobre o tema das brinquedotecas.

E assim a concepção de brinquedoteca foi sendo construída, transformada e se proliferou por todo o mundo, variando nas suas nomenclaturas, formas e objetivos, de acordo com a realidade e interesse de cada lugar, até chegar ao Brasil.

No Brasil as nossas brinquedotecas começaram a aparecer na década de 80 e nasceu do desejo daqueles que preocupados com a criança e seu desenvolvimento viam no brinquedo um excelente companheiro e auxiliar no trabalho para com elas, principalmente no que diz respeito as crianças excepcionais.

Em 1973, após a criação do Setor de Recursos Pedagógicos da APAE, foi implantado um Sistema de Rodízios de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, nascendo assim a Ludoteca.

Em 1984, foi fundada por Nylse Helena da Silva Cunha a Associação Brasileira de Brinquedos (ABB), com o objetivo de fornecer assessoria para novos projetos e promover o intercâmbio entre as brincadeiras já existentes, tendo como principal canal de comunicação o noticiário O Brinquedista. Aconteceu no I Congresso de Brinquedotecas, paralelo ao Congresso de Educação Infantil promovido pela Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo – SP, sendo inaugurada também nessa ocasião a primeira brinquedoteca pública da cidade do Estado de São Paulo.

Em 1985, foi inaugurada, a brinquedoteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, pioneira no Brasil enquanto brinquedoteca em universidades, que além de propiciar as crianças o empréstimo de brinquedos, permite a elas um espaço e um tempo para brincar. Funciona também como laboratório de observação e pesquisa para estudantes de pedagogia, de psicologia e especialistas de áreas afins.

No ano de 1989, foi criado no Rio Grande do Sul a brinquedoteca da Universidade Federal de Santa Maria, na qual se desenvolvem estudos e pesquisas sobre o brinquedo, a criança e a educação.

Como em quase todos os países as brinquedotecas brasileiras enfrentaram e enfrentam várias dificuldades para manter sua sobrevivência, não só no que diz respeito a questões econômicas e espaciais, mas também para se consolidarem como uma instituição

econômica educacional reconhecida e valorizada. A brinquedoteca provoca e convida a uma mudança de pensamento e uma nova postura diante dos atuais valores que imperam em nossa sociedade. Sua proposta é abrangente a tal ponto que não se destina apenas às crianças, o convite é para todos aqueles que busca uma sociedade de direito para todos.

Tradicionalmente se diz que uma brinquedoteca é um laboratório criado para a criança, onde ela é livre para brincar e os profissionais para pensar, discutir, analisar e pesquisar o valor do brinquedo no seu desenvolvimento.

Embora correta, tal definição acaba por restringir as inúmeras possibilidades de uma brinquedoteca, já que volta o seu objeto unicamente para a criança (e particularmente para a criança em idade pré-escolar).

Uma brinquedoteca deve ser encarada como espécie de laboratório onde dois grupos de usuários diferenciados são convidados a desenvolver uma série de atividades numa relação que se poderia chamar dialética, já que, como resultados das atividades desenvolvidas, as transformações das idéias acabam por determinar as transformações da matéria, e vice-versa. Ou seja, Um laboratório onde um primeiro grupo de usuários estuda, cria, pesquisa, elabora e confecciona uma série de alternativas lúdicas; enquanto o outro grupo (mesmo que sem saber) testa cada alternativa, aprovando-a ou não (independentemente dos objetivos buscados através do trabalho lúdico).

A definição estabelece ainda a necessidade de caracterização de pelo menos, dois grupos de usuários: o dos profissionais que se dedicam à exploração das alternativas lúdicas (brinquedos e brincadeiras) e o daqueles que buscam vivências lúdicas (ações obtidas através de utilização de brinquedos e brincadeiras).

Uma brinquedoteca não pode ser confundida com uma sala de aula ou sala de reuniões ou ainda com uma sala de atividades múltiplas. Imaginar que é possível montar uma brinquedoteca simplesmente colorindo quatro paredes, confeccionando alguns brinquedos e escolhendo uma “tia” para cuidar de tudo, é uma redução grosseira das suas possibilidades. Conceituar uma Brinquedoteca implica, também, no estabelecimento da finalidade (pragmática e filosófica) para o qual o edifício (ou espaço) vai servir. Ela deve ser concebida como o domínio, o lugar de um grupo especial e, portanto, deve exprimir uma determinada identidade. O ideal seria que cada grupo de usuário definisse qual a aparência do local onde gostaria de desenvolver ou experimentar atividades lúdicas.

Uma brinquedoteca deve ser montada num espaço especialmente construído ou criteriosamente reciclado, pois tem que responder aos objetivos específicos estabelecidos pelos dois grupos de usuários que lhe dão sustentação e que agem de forma interdependentes.

Uma brinquedoteca necessita, pelo menos, de espaço para exploração das alternativas lúdicas e espaço para a vivência lúdica. É fundamental, portanto, caracterizar o tipo de clientela (usuários) e as funções a serem desenvolvidas em cada espaço. Parece que, hierarquicamente, o espaço de vivência lúdica é o mais importante, pois é nele que ocorrem as “experiências” desejadas ou as “atividades prazerosas”, capazes de gerar o bem-estar. Neste

sentido, tal espaço deve ser encarado como mais uma possibilidade de gerar essas vivências. E assim, sempre que possível, oferecer algo mais.

Através de um projeto criativo, da correta articulação das formas, do uso dos materiais adequados, da exploração inteligente da luz e das cores, e da escolha e/ou desenho do mobiliário pertinente, é possível criar um espaço que contribua para ser, ao mesmo tempo, um agente da ludicidade. É o que chamamos de espaço qualificado: o que faz determinados quesitos funcionais e oferece algo mais através de recursos especiais.

5 METODOLOGIA

5.1 Histórico

Adotei para a realização da minha pesquisa o método qualitativo que baseia em estudo do autor Augusto Comte, fundada no início do século XIX. O modelo de pesquisa estudado anteriormente ao dele foi aceito como sinônimo de pesquisa de método científico, de a ciência ser construída sobre fatos concretos, verificáveis, através da observação e da experimentação, bem como possuir capacidade de previsão. Comte, ao contrário, assinalava alguns significados para a palavra positivo. O primeiro refere-se ao real, e o segundo, ao que é útil ao homem conhecer, ao que o guia para a certeza, distanciando-a da indecisão, ou seja, a pesquisa qualitativa deve ser usada para organizar e não para perturbar a ordem ou desestabilizá-la. O pensamento do autor estava em oposição ao conceito de pesquisa até então adotado que enfatizava a neutralidade. Ele veio nos mostrar que os ideais de neutralidade científica de pureza total de observação e da “certeza” do “domínio absoluto” da realidade estudada foram substituídos por ideais de objetividade (não de certezas) e de controles de fatores subjetivos (não de sua eliminação).

Nos anos 80 todas as perspectivas que rejeitavam os modelos positivos foram agrupados em torno do termo: Pesquisas qualitativas. Seguir este modelo partindo de suas características:

- **Realidade deve ser vista de forma holística**, onde estudei a concepção de vivenciar o lúdico através da brinquedoteca, numa escola municipal da Zona da Mata.
- **Rejeição da neutralidade do pesquisador**, pois o tema surgiu de questões que poderão ser úteis tanto para o nosso desenvolvimento profissional como para outros professores e também para os alunos, uma vez que se trata da necessidade de conhecer maneiras mais prazerosas e vivenciar o lúdico no processo ensino-aprendizagem.
- **Ênfase dos elementos subjetivos**, pois através da pesquisa conheci melhor o que os professores pensam sobre a brinquedoteca o que as motivam a aderir ou não a este espaço lúdico, seus valores, crenças, ideologias, etc...
- **Coleta de dados predominantes interpretativa**, pois o material obtido em nossa pesquisa inclui transcrições de entrevistas, evitando a presença marcante de tabelas estatísticas ou dados numéricos.
- **Pesquisar parte de observações mais livres**, onde utilizamos uma abordagem indutivas em que as idéias e hipóteses poderiam surgir durante a realização da pesquisa.

5.2 Procedimentos

O tema da pesquisa teve como direcionamento pedagógico conhecer o que dizem o diretor e professores de uma escola municipal, localizada em Ubá, Zona da Mata, bem como constatar através de observações a influência da atividade lúdica no desenvolvimento infantil.

Os sujeitos da pesquisa serão seis professores do Ensino Fundamental, um Diretor e vinte alunos da Fase I.

O projeto de pesquisa teve a duração de 3 meses e meio, iniciando em agosto e sendo concluído em novembro/06.

O estudo teve por limite às características sócio-econômicas, culturais e pedagógicas do contexto cuja brinquedoteca foi implantada, bem como a postura didático-pedagógico do brinquedotista e o nível de informação sobre o trabalho com atividade lúdica dos docentes.

A escolha pela escola, deve-se ao fato de ser a única da rede municipal que possui uma brinquedoteca que foi recentemente implantada.

As considerações tecidas se delimitou a conhecer através de entrevistas semi-estruturadas o que dizem professores e diretoras da escola investigada sobre o funcionamento da brinquedoteca dentro do espaço escolar; e constatações através de observações feitas no espaço da brinquedoteca, da reação e a influência da atividade lúdica no desenvolvimento da criança e verificamos a importância do papel do brinquedotista enquanto direcionador das atividades lúdicas.

A pesquisa foi organizada em capítulos. O primeiro capítulo versa sobre a introdução, o segundo explana a justificativa, o terceiro expõem os objetivos a serem alcançados, o quarto capítulo fala sobre o referencial teórico, que compreende a pesquisa bibliográfica que serve de base para o trabalho. Foram utilizados livros e artigos de literatura específica que abordam a importância e a evolução do lúdico na vida infantil.

O quinto capítulo fala sobre a metodologia que abrange os procedimentos, técnicas, entrevistas, objetivos das perguntas, critérios que serão utilizados para avaliação das observações, mostra dos alunos, determinando a escola e correlacionando o tema com a busca do eu feita pela criança.

O sexto capítulo expõe a análise dos resultados da pesquisa de campo com base no objetivo geral e objetivos específicos, relacionando o lúdico com a maneira da criança se expressar, viver sua cultura, reproduzir e construir sua identidade.

5.3 Instrumento de coleta de dados

Adotaremos como instrumento de coleta de dados a Observação Participante, pois na pesquisa é empregada a metodologia qualitativa de caráter empírico como referencia para a realização do trabalho no qual nos propomos.

A observação participante consistiu em uma forma de observação na qual, definidos os objetivos de pesquisa, a amostra que foi pesquisada, o espaço e o cronograma em que aconteceu a observação, procuramos explicar os dados observados levando em conta o significado destes.

Essa inserção de nós pesquisadoras na realidade pesquisada desenvolveu um processo dinâmico envolvendo a coleta de dados naturais, o registro dos dados observados em sua organização e análise. foi dinâmico porque nós pesquisadoras interagimos com as outras pessoas, interpretamos, registramos e analisamos os atos dos outros, voltando ao campo de observação modificado pelas análises.

5.4 Técnica de análise e interpretação de dados

Nas pesquisas qualitativas, uma das escolhas do modo de analisarmos dados é fazer uma análise do conteúdo que é usado quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real. Aplicar-se a tudo que é dito ou escrito e toda comunicação não verbal.

Segundo Bardin, é uma técnica que não tem modelo pronto, é construída continuamente e deve ser reinventada a cada momento.

Esta técnica se realizará em três momentos que são descritos abaixo:

- Pré-análise: É o momento de organizar o material, escolher os documentos a serem analisados, formular hipóteses e elaborar indicadores que fundamentam a interpretação final. No caso das entrevistas, elas serão transcritas e sua reunião constituirá o corpus da pesquisa.
- Exploração do material: É a realização das decisões tomadas na pré-análise, o momento da codificação em que os dados brutos são transformados de forma organizada em unidades, as quais permitem uma descrição de características pertinentes ao conteúdo.
- Escolha de categorias: a maioria dos procedimentos de análise qualitativa organiza-se em torno de categorias, para passagem dos dados organizados.
- Tratamento dos resultados: A partir da inferência e interpretação dos dados.
- Reflexão sobre a vivência do lúdico no espaço escolar.

Ao se tratar de um trabalho onde nós, como pesquisadoras participamos ativamente do processo, tivemos o cuidado especial com a interpretação dos dados que não foram carregados de subjetivismo exagerado. As observações foram registradas a partir de uma descrição detalhada do que foi observado.

Para finalizar, pretendeu-se, através da análise dos dados e do referencial teórico, produzir um trabalho que tenha como meta principal o fornecimento de subsídios, para o desenvolvimento do problema enfocado.

6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Tendo como ponto central desta pesquisa conhecer o que dizem seis professores, um diretor e vinte alunos da Fase I do Ensino Fundamental, de uma escola da rede municipal de Ubá-MG, sobre o funcionamento da brinquedoteca dentro do espaço escolar como possibilidade de resgatar o lúdico e promover o desenvolvimento infantil versos a concepção de brincar dos educadores, e o brinquedista e o seu trabalho na brinquedoteca.

E de acordo com Ariès (1981, p.74) “a aceleração histórica e os interesses das sociedades modernas, vêm contribuindo para mudanças no interior de nossa sociedade”.

Neste contexto que é ao mesmo tempo histórico, social, econômico e cultural o brincar passou a ser uma prática considerada desnecessária e até mesmo sem importância, já que não apresenta resultados imediatos e eficazes. Atualmente, é sabido das dificuldades práticas que enfrenta o brincar livre para sobreviver. Pudemos ouvir dos profissionais que trabalham diretamente com as crianças e conseqüentemente com seus pais, falas que comprovam isso. Nos enunciados dos educadores e nas suas entrelinhas, percebemos as convicções e também as contradições acerca do lúdico e suas significações.

Ao entrevistar o diretor da Escola Municipal, vimos em suas falas o quanto o brincar encontra-se distante das atividades cotidianas das crianças. Os pais não dispõem de tempo, porque os compromissos sociais os impedem de acompanhar os filhos nas atividades lúdicas.

Observamos nas afirmações colhidas nas entrevistas com os professores, que as crianças enfrentam uma série de dificuldades para experimentarem e se encontrarem de forma livre e saudável com o brincar, seja pela falta de tempo dos pais, pela divulgação insistente dos programas de televisão e dos videogames, seja pelos pequenos apartamentos com suas limitações de espaço físico, pela crescente desvalorização dos brinquedos tradicionais ou pelo incentivo da sociedade na direção de uma adolescência precoce. Encontramos nas entrevistas das profissionais um saudosismo em relação aos seus tempos de criança. Contudo, percebemos também uma preocupação ao constatarem que nos tempos atuais as crianças não estão brincando como antes.

Para Benjamin (1984, p. 32) “com a crescente desvalorização do brincar ocorrida ao longo das últimas décadas, o brinquedo, também sofreu mudanças em relação a sua produção, ao seu manuseio e as seus objetivos. “Nas entrevistas com as educadoras e diretor ouvimos deles críticas em relação a estas questões, mas ao mesmo tempo, vimos em suas falas uma excessiva valorização do brinquedo para finalidade didático-pedagógicas. Já Piaget (1973, p. 38) “coloca que a super valorização dos brinquedos e jogos como recursos pedagógicos, acaba por desvirtuar o seu mais legítimo objetivo que é o de brincar livremente”. Utilizar dos brinquedos, das brincadeiras e dos jogos para facilitar ou contribuir na aprendizagem é uma prática inteligente e rica, mas fazer deles objetos apenas para uso didático é, por outro lado, radicalizar e colocar um ponto final em suas possibilidades.

Percebemos uma demasiada preocupação com o processo de ensino-aprendizagem embora exista paralelamente o reconhecimento da importância do brincar em três das professoras

entrevistadas. Ao mesmo tempo que consideram a necessidade da criança de desenvolver a imaginação, e a importância do simbolismo na idade escolar, predomina a valorização dos brinquedos destinados ao desenvolvimento cognitivo, como os blocos lógicos, os jogos de encaixe, as letras e os números, em detrimento de materiais lúdicos destinados a representação simbólica. Verificamos assim, uma concepção de brincar que valoriza atividades lúdicas objetivas, supervisionadas e direcionadas para as diversas áreas do conhecimento sistematizado.

Nas palavras de Winicott (1975, p. 47) seria necessário informar os professores a importância de brincadeiras livres para o desenvolvimento da linguagem, imaginação e iniciativa da criança”.

Na nossa compreensão, pudemos observar que existe um reconhecimento, pelas outras três professoras, da necessidade de se resgatar o brincar no espaço escolar, pelo prazer em si, pela alegria da experiência, pela liberdade e pelo gosto do brincar.

Quando questionado das crianças se elas brincam livremente durante o recreio, relataram que ele é dirigido. Verificamos através de observações que são relacionados aos tipos de brinquedos e brincadeiras que envolve as crianças no período do recreio e no horário destinado a brinquedoteca, enumerando os objetivos que são direcionados à construção de conceitos matemáticos, à alfabetização, a coordenação motora e a preparação para o enfrentamento das séries posteriores, desvinculando o brincar de suas funções de brincar livremente e despontando limitada liberdade de escolha da criança em relação ao material lúdico.

Na entrevista, a diretora, relatou que para muitos pais a brincadeira na escola é vista como perda de tempo, uma vez que o objetivo da escola é de transmitir conhecimento. Portanto, o brincar passou a ser considerado uma atividade pouco importante e secundária a ser realizada nas horas vagas. Podemos dizer, em consonância com as falas dos sujeitos entrevistados, que a escola pesquisada abraçou fortemente a proposta do brincar para seu espaço, mas encontra grandes dificuldades em desvinculá-lo de sua função pedagógica.

De acordo com Rodan (1982, p.73) o brinquedista deve “criar uma situação de presença – ausência, pois as crianças querem sentir a proximidade do adulto e, ao mesmo tempo, esquecê-lo”. Ao brinquedista cabe a função de observar, buscando compreender o fazer lúdico da criança e atendê-la de acordo com suas solicitações, caso haja alguma, para que sua intervenção seja oportuna. A formação do brinquedista é imprescindível, pois o trabalho na brinquedoteca ultrapassa o âmbito da formação teórica ou da situação prática.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projeto de pesquisa buscamos fundamentação teórica para analisar os dados coletados em entrevistas e observações sobre a vivência do lúdico no espaço escolar de maneira livre.

No decorrer do trabalho pudemos perceber que mesmo sabendo do valor de brincar para construção da afetividade, da autonomia e da criatividade, a instituição escolar não deixa de buscar nele características que vão contribuir para a aprendizagem de conhecimentos científicos.

Observa-se subjacentes às falas dos professores e diretor, que está presente dentro do âmbito dessa escola municipal a idéia de resgatar o brincar, através da criação da brinquedoteca, que se deu no ano de 2005. Com o objetivo de considerar a criança no seu espaço global e como sujeitos de direitos de maneira que se desenvolva de forma livre e criativa.

Consideramos importante destacar que o brincar precisa ser visto como uma prática da criança e o que ela precisa é de espaço organizado de maneira coerente que permita o surgimento da brincadeira, como diversidade de materiais e liberdade para que possa exercer a atividade lúdica.

Garantir o direito da criança buscar novas alternativas e novos espaços, para que o brincar possa se tornar realidade na infância, é um dever de todos aqueles que lidam diretamente com elas e que buscam um futuro melhor para a sociedade. Portanto, é necessário ver as brinquedotecas como um espaço de excelência, para o brincar livre, como uma oportunidade de se resgatar o lúdico para a criança.

Os resultados das pesquisas serão socializados num universo em que se deu a pesquisa. Não tivemos a intenção de generalizar os resultados encontrados, mas esperamos que estes possam servir para o melhor entendimento da importância do lúdico como manifestação livre.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo: Summus, 1983.
- ABRAN, Jan. **A linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter 2000.
- ANDRADE, Cyrce M. R. Junqueira de. **A equipe na brinquedoteca**. São Paulo: Scritta, 1998.
- ARIES, Philippe. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei n. 8.069/90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBIA-SP, 1.991.
- ARIES, Philippe. **Historia social da família e da criança**. Rio de Janeiro: Ganabara, 1981. p.88-168.
- BENJAMIN, Water. **Reflexões**: a criança, o brinquedo a educação. São Paulo: Sumus, 1984.
- BOGDAN, Robert e BILKEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 1994.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos e pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996. p.13-40.
- KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **O brincar e a cultura**. Anais do seminário Literatura, Arte, Educação, Luso Brasileiro Mineiro, s.d.
- MACHADO, Sandra. **Brinquedoteca**: espaços lúdicos. Petrópolis: Vozes 1994.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Tradução de Ivette Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- RODAN, Nelson: **Brinquedoteca**: definição e evolução do histórico. São Paulo: Scritta, 1982.
- VYGOTSKY, L. S. **O papel do brinquedo no desenvolvimento**: a formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p.125.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.